

**TEXTO: 1 - Comum à questão: 1**

*Os textos literários são obras de discurso, a que falta a imediata referencialidade da linguagem corrente; poéticos, abolem, “destroem” o mundo circundante, cotidiano, graças à função irrealizante da imaginação que os constrói. E prendem - nos na teia de sua linguagem, a que devem o poder de apelo estético que nos enleia; seduz - nos o mundo outro, irreal, neles configurado (...). No entanto, da adesão a esse “mundo de papel”, quando retornamos ao real, nossa experiência, ampliada e renovada pela experiência da obra, à luz do que nos revelou, possibilita redescobri - lo, sentindo - o e pensando - o de maneira diferente e nova. A ilusão, a mentira, o fingimento da ficção, aclara o real ao desligar - se dele, transfigurando - o; e aclara - o já pelo insight que em nós provocou.*

Benedito Nunes, “Ética e leitura”, de *Crivo de Papel*.

*O que eu precisava era ler um romance fantástico, um romance besta, em que os homens e as mulheres fossem criações absurdas, não andassem magoando - se, traíndo - se. Histórias fáceis, sem almas complicadas. Infelizmente essas leituras já não me comovem.*

Graciliano Ramos, *Angústia*.

*Romance desagradável, abafado, ambiente sujo, povoado de ratos, cheio de podridões, de lixo. Nenhuma concessão ao gosto do público. Solilóquio doido, enervante.*

Graciliano Ramos, *Memórias do Cárcere*, em nota a respeito de seu livro *Angústia*.

O argumento de Benedito Nunes, em torno da natureza artística da literatura, leva a considerar que a obra só assume função transformadora se

- a) estabelece um contraponto entre a fantasia e o mundo.
- b) utiliza a linguagem para informar sobre o mundo.
- c) instiga no leitor uma atitude reflexiva diante do mundo.
- d) oferece ao leitor uma compensação anestésica do mundo.
- e) conduz o leitor a ignorar o mundo real.

**TEXTO: 2 - Comum à questão: 2**

Texto I

**Questão 01)**

**O QUANTO DE COMIDA VOCÊ DESPERDIÇA ?**

  
**1 em cada 8 pessoas**  
**passa fome no mundo**



O planeta produz comida suficiente para alimentar 12 bilhões de pessoas. Atualmente somos 7 bilhões e em 2050 seremos 9 bilhões. Isso significa que se não houvesse desperdício, não existiriam pessoas morrendo de fome todos os dias.

**1/3**  
**de tudo o que é produzido no mundo é desperdiçado**



**54%**  
da colheita se perde nas etapas iniciais de produção, manipulação e armazenamento dos alimentos.

58% do lixo brasileiro é composto por comida. Cerca de 41 mil toneladas de alimentos são desperdiçados por ano (Dados da Embrapa). O país está entre os 10 países que mais desperdiçam alimentos no mundo.

Dados IBGE, Embrapa, FAO.

Fonte: Disponível em:

<https://www.agenciaconexoes.org/fome-e-desperdicio-em-numeros/>.

Acesso em: 09 agost. 2019. (texto adaptado).

Texto II

### **Sem merenda: quando férias escolares significam fome no Brasil**

"Me corta o coração eles quererem um pão e eu não ter. Já coloquei os meninos na escola pra isso mesmo, por causa da merenda. Um pouquinho de arroz sempre alguém me dá, mas nas férias complica", afirma Alessandra, que, desempregada, coleta latinhas na favela de Paraisópolis, em São Paulo, onde mora. [...]

O drama de Alessandra não é incomum. As férias escolares, quando muitas crianças deixam de ter o acesso diário à merenda, intensificam a vulnerabilidade social de muitas famílias em todo o país. Embora variem em conteúdo e qualidade (às

vezes, são apenas bolacha ou pão, em outras, são refeições completas de arroz, feijão, legumes e carne), as merendas ocupam função importante no dia a dia de certos alunos. Para essas crianças, nos períodos sem aulas é que a fome, uma ameaça ao longo de todo ano, torna-se uma realidade a ser enfrentada. [...]

Embora não haja estudos nacionais que indiquem o tamanho da insegurança alimentar durante o período de férias escolares, uma série de indicadores comprova a evolução da pobreza no país e o modo como ela incide sobre as crianças.

De acordo com a Fundação Abrinq, que fez cálculos, a partir de dados do IBGE, 9 milhões de brasileiros entre zero e 14 anos do Brasil vivem em situação de extrema pobreza. O Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional do Ministério da Saúde (Sisvan) identificou, no ano retrasado, 207 mil crianças menores de cinco anos com desnutrição grave no Brasil.

A mais recente pesquisa de Segurança Alimentar do IBGE, de 2013, apontava que uma a cada cinco famílias brasileiras tinha restrições alimentares ou preocupação com a possibilidade de não ter dinheiro para pagar comida.

Se a pesquisa fosse feita hoje, a família da faxineira Marinalva Maria de Paula, de 57 anos, se enquadraria nessa condição. Com uma renda de R\$ 360,00 mensais para três adultos e uma criança, ela se vê cotidianamente frente a decisões dramáticas: "Se eu pagar a prestação do apartamento ou a conta de água, não temos o que comer". [...]

O fenômeno que acontece na casa da faxineira já havia sido identificado pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) em 2008, quando um terço dos titulares do Bolsa Família declaravam em pesquisa que a alimentação da família piorava durante as férias escolares. [...]

Marinalva não consegue emprego formal há quatro anos. Ela está muito longe de atingir a renda mínima familiar, estimada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) em R\$ 4.214,62, para suprir sem carências as necessidades com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência dos quatro

integrantes da casa. O valor, calculado em julho, equivale a aproximadamente quatro vezes o salário mínimo atual, de R\$ 998,00.

**Fonte:** IDOETA, Paula Adamo; SANCHES, Mariana. *In: BBC News Brasil*. 15 jul. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48953335>. Acesso em: 09 agost. 2019. (texto adaptado).

**TEXTO: 3 - Comum à questão: 3**



**Questão 02)**

Sobre o emprego dos pronomes, analise as afirmativas.

- I. Em: “**Me** corta o coração eles querem um pão e eu não ter [...]”, ocorre próclise, pois o elemento destacado pode ser empregado no início da frase, em função da linguagem coloquial.
- II. Em: “[...] afirma Alessandra, que, desempregada, coleta latinhas na favela de Paraisópolis, em São Paulo, **onde** mora. [...]”, o elemento destacado é pronome indefinido e equivale a “em que, no qual”.
- III. Em: “Para essas crianças, nos períodos sem aulas é que a fome, uma ameaça ao longo de todo ano, torna-**se** uma realidade a ser enfrentada [...]”, ocorre ênclise, já que o pronome está após o verbo.
- IV. Em: “Um pouquinho de arroz sempre **alguém** me dá”, o elemento destacado é pronome indefinido.

Assinale a alternativa **CORRETA**.

- a) Apenas as afirmativas I, II e III estão corretas.
- b) Apenas as afirmativas I, III e IV estão corretas.
- c) Apenas as afirmativas I e II estão corretas.
- d) Todas as afirmativas estão corretas.

**PAINEL SOLAR. Coletando energia do Sol.**

Disponível em: <<http://painelsolares.com/energia-solar-como-funciona/>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

**Questão 03)**

Considerando-se a função, a finalidade e os aspectos composicionais do texto, ele se identifica como um

- a) anúncio publicitário, pois utiliza uma linguagem clara, simples e apelativa para estimular a aquisição de painéis solares pelo consumidor.
- b) cartaz educativo, já que apresenta informações para influenciar o comportamento das pessoas acerca do desperdício no consumo de energia.

- c) folder, uma vez que se trata de um impresso dobrável, com grande quantidade de informações e tratamento estético inovador para atrair a atenção do consumidor.
- d) infográfico, por combinar imagem e texto verbal para explicar de forma didática e objetiva um tema complexo, como a captação de energia solar.
- e) manual de instrução, porque objetiva instruir os usuários sobre como fazer a instalação de painéis solares no campo.

Mas estamos avançando rumo à condição de 51º estado americano. A velha “vaquinha” tornou-se “crowdfunding”. Aleatório é “randômico”. Gostar de alguém é “dar um match”. Estar a fim é “ter um crush”. E uma palavra já incorporada ao léxico, “delivery”, não se limita mais à entrega em domicílio da pizza pelo motoboy. Assim como em inglês, estendeu-se — em português — a cumprir ou deixar de cumprir alguma coisa: “Fulano era uma grande promessa, mas não entregou o que se esperava dele”.

Pela abundância de inglês em nossas placas, fachadas e camisetas, era como se o falássemos tão bem quanto os alemães. Que nada. Pela avaliação internacional, somos tão monoglotas quanto os russos. [...]

CASTRO, Ruy. **O inglês do Tarzan**. *Folha de S.Paulo*.

Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2019/09/o-ingles-do-tarzan.shtml>>.

Acesso em: 18 set. 2019. (Fragmento)

#### TEXTO: 4 - Comum à questão: 4

##### O inglês do Tarzan

Há dias, quando o ator Peter Fonda morreu, um veículo publicou uma declaração de sua irmã, Jane Fonda. Ela dizia estar arrasada com a morte de seu “irmãozinho de coração doce”. Não sou diabético, mas essa imagem pode ter alterado meu nível de glicose, e só um exercício intelectual me levou a concluir que Jane devia estar se referindo a seu “little sweetheart brother” — seu “irmãozinho querido” ou, amorosamente, “namoradinho”.

Pérolas equivalentes, frequentes no noticiário, são “plant” (fábrica) por planta, “library” (biblioteca) por livraria, “argument” (discussão) por argumento, “appointment” (encontro) por apontamento e “realize” (concluir) por realizar.

Os erros, hoje, vêm até nos melhores livros. “We’re in business” (agora vai ou vamos nessa) se tornou “estamos no negócio”. “My gentleman friend” (o “coronel” ou o “senhor que me ajuda”) passou a ser “meu cavalheiro amigo”. E “we were drinking buddies” (nós éramos colegas de copo) transmutou-se no hilário “estávamos bebendo umas Buddies”.

#### Questão 04)

A forma como o autor aborda o tema e organiza as ideias é reveladora da intencionalidade comunicativa do texto, ou seja, evidencia as funções que a linguagem assume.

Nesse sentido, verifica-se que, na crônica, predomina a função

- a) apelativa, pois o autor busca persuadir o leitor a mudar a forma como usa o idioma inglês.
- b) emotiva, porque ocorre a expressão de um ponto de vista particular do autor sobre o tema.
- c) metalinguística, já que o autor faz uma reflexão crítica sobre a própria linguagem ao longo do texto.

- d) poética, pelo fato de o texto centrar-se no processo de estruturação das frases em inglês e português.
- e) referencial, uma vez que há o objetivo de informar sobre casos reais de uso inadequado do inglês.

Sobre o texto é correto afirmar que a função da linguagem predominante é a:

- a) poética.
- b) referencial.
- c) metalinguística.
- d) emotiva.
- e) fática.

### TEXTO: 5 - Comum à questão: 5

<sup>01</sup> Mesmo que o homem conseguisse construir um computador que <sup>02</sup> fizesse tudo o que é normalmente atribuído a processos mentais <sup>03</sup> quando feito pelo homem, isso não implicaria que o homem nada <sup>04</sup> mais é do que uma máquina. Sem o programa correspondente <sup>05</sup> um computador nada pode fazer em relação à linguagem. É o <sup>06</sup> programa, e não as ferragens, que é responsável pela habilidade do <sup>07</sup> computador de simular um comportamento inteligente. Há aqueles <sup>08</sup> que sustentariam que o programa está para o computador como a <sup>09</sup> mente está para o cérebro, e que considerando o cérebro humano <sup>10</sup> vivo como um computador programado, de finalidades especiais, <sup>11</sup> podemos contornar, se não resolver, o problema tradicional mentecorpo. <sup>12</sup> Seja como for, temos que enfatizar que a inteligência artificial <sup>13</sup> é em si neutra e não agride nem a dignidade humana nem a liberdade <sup>14</sup> da vontade.

<sup>15</sup> Muito da importância que damos à ciência cognitiva e à inteligência <sup>16</sup> artificial dependerá de nossa atitude face ao papel explanatório dos <sup>17</sup> modelos em ciência natural e social. Qualquer sucesso obtido na <sup>18</sup> simulação do processamento linguístico por computador tende a <sup>19</sup> aumentar a nossa compreensão da linguagem e da mente. Não é <sup>20</sup> certo, no entanto, se um dia será possível simular por computador <sup>21</sup> todos os processos mentais envolvidos na produção e compreensão <sup>22</sup> da linguagem.

Adaptado de John Lyons, em *Lingua(gem) e Linguística*, 1981.

### Questão 05)

### TEXTO: 6 - Comum à questão: 6

*Dicas para evitar a disseminação de boatos e notícias falsas*

#### 1. Saiba quando uma mensagem é encaminhada

Mensagens com a etiqueta “Encaminhada” ajudam a determinar se seu amigo ou parente escreveu aquela mensagem ou se ela veio originalmente de outra pessoa.

#### 2. Verifique fotos e mídia com cuidado

Fotos, áudios e vídeos podem ser editados para enganar você. Procure por fontes de notícias confiáveis para ver se a história está sendo reportada também em outros veículos. Quando uma notícia é reportada em vários canais confiáveis, é mais provável que ela seja verdadeira.

#### 3. Fique atento a mensagens que parecem estranhas

Muitas mensagens ou links para sites que contêm boatos ou notícias falsas apresentam erros de português. Procure por esses sinais para verificar se a informação é confiável.

#### 4. Esteja atento a preconceitos e influências

Histórias que parecem difíceis de acreditar são, em sua maioria, realmente falsas.

#### 5. Notícias falsas frequentemente viralizam

Não encaminhe uma mensagem só porque o remetente está lhe pedindo para fazer isso.

#### 6. Verifique outras fontes

Se você ainda não tem certeza de que uma mensagem é verdadeira, faça uma busca online por fatos e verifique em sites de notícias confiáveis para ver de onde a história veio.

#### 7. Ajude a parar a disseminação

Não compartilhe uma mensagem só porque alguém lhe pediu. Se algum contato ou grupo está enviando notícias falsas constantemente, denuncie-os.

**Importante:** Se você sentir que você ou alguém está em perigo emocional ou físico, por favor, contate as autoridades locais de cumprimento da lei. Essas autoridades são preparadas e equipadas para oferecer assistência nesses casos.

(<https://faq.whatsapp.com/pt>. Adaptado)

#### TEXTO: 7 - Comum à questão: 7

A palavra vernáculo caracteriza um modo de aprender as línguas: o aprendizado que se dá, por assimilação espontânea e inconsciente, no ambiente em que as pessoas são criadas. A vernáculo opõe-se tudo aquilo que é transmitido através da escola. Para exemplificar com fatos conhecidos, basta que o leitor brasileiro pense em formas verbais como *eu farei* e *eu fizera*, ou em construções como *fá-lo-ei*, *dir-lhe-ia*, *tu o fizeste* ou *Ninguém lho negaria*. A parte da população brasileira que as conhece chegou a elas pela escola, provavelmente através da leitura de textos literários bastante antigos, pois no Brasil de hoje é quase nula a chance de que essas formas ou construções sejam usadas de maneira espontânea.

(Rodolfo Ilari e Renato Basso. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*)

#### Questão 06)

São características específicas do gênero textual lido:

- verbos no presente e no passado; linguagem persuasiva; estruturas linguísticas narrativas; função metalinguística da linguagem.
- verbos no presente e no futuro; linguagem denotativa; estruturas linguísticas descritivas; função metalinguística da linguagem.
- verbos no imperativo; linguagem informal; estruturas linguísticas descritivas e argumentativas; função emotiva da linguagem.
- verbos no imperativo; linguagem denotativa; estruturas linguísticas descritivas e narrativas; função apelativa da linguagem.
- verbos no presente; linguagem conotativa; estruturas linguísticas narrativas e argumentativas; função referencial da linguagem.

#### Questão 07)

No texto, a função da linguagem predominante é a

- poética, por meio da qual se enfatiza a espontaneidade expressiva presente na língua do brasileiro, muitas vezes abandonada na escola.
- apelativa, por meio da qual se induz o leitor à aprendizagem da língua com liberdade, porém sem utilidade prática para os usos cotidianos.
- emotiva, por meio da qual se enaltece a forma intuitiva de se aprender a língua de forma mais produtiva, notadamente fora da escola.
- informativa, por meio da qual se explica a língua em seus usos espontâneos, o que revela a necessidade de se oferecer estudo às crianças.
- metalinguística, por meio da qual os autores estabelecem a diferença entre a aprendizagem natural da língua e a transmitida pela escola.

**TEXTO: 8 - Comum à questão: 8**

## TEXTO 1

Na semana passada, uma eleição presidencial que deveria ter como marca a volta da democracia ao Zimbábue terminou em confusão quando contas falsas no Twitter, no Facebook e no WhatsApp disseminaram resultados contraditórios. O país inteiro chegou a presenciar comemorações espontâneas pela vitória dos dois candidatos, o que resultou em confrontos violentos. Em um clima geral de desconfiança, até observadores internacionais não sabiam onde obter informações confiáveis. Na Índia, o governo empreende verdadeira batalha contra uma onda de linchamentos depois que rumores falsos viralizaram no WhatsApp sobre supostos sequestradores de crianças. Nacionalistas interessados em atizar o ódio religioso usam a plataforma para aprofundar a polarização, que também tem resultado em linchamentos. Na Grã-Bretanha, 52% dos eleitores votaram por deixar a União Europeia em 2016, atraídos por uma enxurrada de informações falsas disseminadas por nacionalistas oportunistas. Em uma pesquisa recente, uma porcentagem semelhante dos britânicos disse acreditar que os desembarques na Lua de 1969 a 1972 eram falsos. A triste ironia é que, pela primeira vez na história, a maioria dos cidadãos pode carregar no bolso todo o conhecimento do mundo, mas, ao mesmo tempo, nunca esteve tão vulnerável a informações falsas. Engana-se quem pensa que algumas mudanças nas leis e ajustes técnicos podem resolver a situação e permitir que tudo volte a ser como antes. A humanidade testemunha os primeiros momentos de uma nova era em que todo o relacionamento com a informação – e a realidade como um todo – mudará de maneira hoje inimaginável. A democracia, tal como se concebe hoje, dificilmente sobreviverá a essa transformação. Basta considerar duas grandes tendências. **A primeira:** apenas cerca de 50% da população mundial tem acesso à internet hoje. Nos próximos anos, a outra metade, potencialmente ainda mais vulnerável a notícias falsas, também poderá participar do debate on-line. Por exemplo, muitos aplicativos populares no

mundo em desenvolvimento concentram-se apenas em mensagens de voz, já que parcela considerável de seus usuários não sabe ler nem escrever, dificultando ainda mais a identificação de informações falsas. **A segunda:** o desenvolvimento de ferramentas baseadas em inteligência artificial, capazes de manipular ou fabricar vídeos, arquivos de áudio e fotos falsas – as chamadas *deep fakes* – ampliará consideravelmente a dificuldade de separar fato de ficção, o que fará as *fake news* de hoje parecerem brincadeira de criança. Daqui a alguns anos, um smartphone será suficiente para simular uma sequência de notícias, como as da CNN, por exemplo, na qual a perfeita imitação da voz de um apresentador famoso reportaria um golpe militar em Washington ou um anúncio da Casa Branca sobre uma guerra iminente, sem meio técnico para confirmar ou negar sua veracidade. Em uma futura eleição presidencial no Brasil, não será mais necessário atacar os concorrentes – pode-se simplesmente produzir um vídeo em que o rival promete que, se eleito, encerrar o programa Bolsa Família, eliminar a propriedade privada ou qualquer absurdo que o faça perder apoio. Confusos e desconfiados, os cidadãos se refugiarão ainda mais em suas bolhas aparentemente seguras, isolados em relação a qualquer tipo de debate público. O Brasil também tem sido cenário de disseminação de inúmeras notícias falsas, sobretudo porque o País passa por um período eleitoral bastante tenso e polarizado. As pessoas que disseminam notícias falsas o fazem por dois motivos: a) por que são incapazes de pesquisar e confrontar informações, b) usam as notícias falsas para dar legitimidade a suas posições políticas. De um jeito ou de outro, são posturas graves e que precisam ser combatidas em nome da jovem democracia brasileira.

Adaptado de [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/06/opinion/1533562312\\_266402.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/06/opinion/1533562312_266402.html).  
Acesso em out. 2018.

## TEXTO 2



Laerte. Adaptado.

<sup>12</sup> Em nosso caso, o **código comum** é a língua portuguesa: graças <sup>13</sup> a ela produzimos, verbalmente, os efeitos de sentido. No entanto, não <sup>14</sup> se deve considerar o código comum como uma referência padrão que <sup>15</sup> se mantém inalterada. Ao contrário, a língua possui variabilidades, <sup>16</sup> usos diferenciados conforme a situação cultural, econômica, etária, <sup>17</sup> regional do usuário.

Adilson Citelli, *O texto argumentativo*

### Questão 08)

As expressões “a primeira” e “a segunda”, destacadas no texto, cumprem função

- anafórica nos dois casos.
- catafórica nos dois casos.
- anafórica e catafórica, concomitantemente, nos dois casos.
- anafórica no primeiro caso e catafórica no segundo caso.
- catafórica no primeiro caso e anafórica no segundo caso.

### TEXTO: 9 - Comum à questão: 9

<sup>01</sup> É importante notar que o esforço para a produção dos sentidos <sup>02</sup> ocorre em virtude de os homens desejarem estabelecer cadeias <sup>03</sup> comunicativas, seja para informar, convencer, emocionar, seja para <sup>04</sup> explicar, determinar, aconselhar. Mas, para que isto acontecesse, <sup>05</sup> foi necessária aos diversos grupos humanos a criação de códigos <sup>06</sup> linguísticos próprios, acordos que conhecemos pelo nome de línguas <sup>07</sup> e que expressam maneiras particulares de conceber os significados, <sup>08</sup> as formas de uso, os mecanismos de elaboração do universo das <sup>09</sup> palavras. Sem isto, as expressões linguísticas cairiam no vazio e as <sup>10</sup> sentenças resultariam incompreensíveis. Imaginem como ficaria um <sup>11</sup> alemão que não sabe português diante da frase “A lição está difícil”.

### Questão 09)

Assinale a alternativa correta sobre o texto e a presença de funções da linguagem.

- A função predominante no texto, em sua totalidade, é a função emotiva, já que há de modo destacado índices de subjetividade.
- O interesse em motivar respostas dos leitores diante do que é lido evidencia que a função conativa é a predominante no texto.
- Uma elaboração estética da linguagem (como o uso de rimas e de figuras de linguagem) é destacada no texto, o que evidencia o emprego da função poética.
- A construção textual se organiza em torno da transmissão de um conteúdo específico sobre assunto delimitado, com destaque para a função referencial.
- A presença de perguntas retóricas e de trechos que têm por objetivo principal chamar a atenção do leitor auxilia na manifestação da função fática no texto.

### TEXTO: 10 - Comum à questão: 10

Como filha de um homem abastado, a noiva fora instruída nos rudimentos da leitura e da escrita [...]. Só que a noiva era uma criatura histriônica\*. Tudo que lia, poesia ou canção, era compartilhado com a Escrava; tudo que escrevia, em seguida lia em voz alta para a Escrava. Em segredo, a africana desconfiava daqueles sinais mágicos, tinha medo do

papel que podia transportar vozes humanas. Porém, contanto que fosse a sua favorita quem dava voz às palavras, ela se sentia em segurança; contanto que fosse ela quem transformava em música os sinais no papel, a Escrava ficava contente. Agora, pela primeira vez, foi excluída. A mensagem do anjo tinha erguido uma barreira de escrita entre ambas.

\*histriônica: relativo a histrião, aquele que representava as farsas, logo, comediante, farsista.

(Bahiyih Nakhjavani, O alforje. Porto Alegre: Dublinense, 2018, p. 180.)

### Questão 10)

Na cena transcrita, a personagem Escrava vê, na linguagem escrita,

- a) o papel de unir estratos sociais diferentes, pois o texto escrito, ao ser lido pela noiva, deleitava a todos, incluindo a Escrava e sua protegida.
- b) o poder de ligar o profano e o sagrado, pois o texto escrito continha instruções divinas que garantiam o sucesso da noiva em sua representação teatral.
- c) um poder quase mágico capaz de dar vida ao que não está presente, pois “transporta vozes humanas”, ao mesmo tempo em que constrói barreiras.
- d) a função de corromper sua favorita, pois separaria a noiva de seus ideais religiosos, representados pelos histriões.
- e) o papel de garantir proteção, pois a palavra escrita garante uma aproximação entre ela, Escrava, e sua favorita.

Todo trabalho de grupo tem uma pessoa que trabalha mais. Nunca me dediquei tanto a nada na minha vida quanto à paternidade, mas, ainda assim, é preciso ser sincero. Por mais esforçado que seja o pai, nos primeiros meses de vida do bebê, somos como Chitãozinho, Sancho Pança, Robin, Pumba e aquele supergêmeo, coitado, que só sabe virar água, enquanto a irmã vira qualquer tipo de animal existente ou mitológico. Existe, na paternidade, uma grande desigualdade de superpoderes.

Mil séculos de avanços científicos e o homem ainda não sabe fabricar um rim, mesmo com todo o dinheiro do mundo, dentro do maior laboratório que há. A natureza é sábia, não sei se o homem aguentava essa pressão. Tudo o que o meu corpo produziu na vida inteira foi uma pedrinha de dois milímetros de ácido úrico. E até hoje reclamo da dor.

A mulher, sozinha, sem qualquer ajuda, faz um corpo inteiro: trilhões de células, diz o Google. E tudo isso, pisme, prestando atenção em outra coisa.

Nunca vou me acostumar com isso: enquanto conversava comigo, a mãe da minha filha produziu um corpo inteiro dentro do corpo dela. Ao mesmo tempo em que tomava banho, trabalhava, assistia a séries, ela fez, como se nada fosse, braços, pernas, orelhas, olhos, pulmões, coração, fígado, estômago, bexiga, fez coisas que ela não sabe nem pra que é que servem, fez baço, pâncreas, vesícula, córnea. Da minha parte, tenho dificuldade em prestar atenção num filme enquanto faço um misto- quente. Imagina se eu tivesse que fazer um cérebro.

E não para por aí. Depois que o bebê nasce, a mãe ainda faz o leite. E ela não precisa ter estudado alquimia nem nutrição nem culinária: o leite que ela faz é perfeito e tem tudo de que o bebê precisa. E ela faz do próprio corpo uma lanchonete aberta 24 horas, um bandeirão popular que produz uma seiva, até hoje, inimitável.

### TEXTO: 11 - Comum à questão: 11

#### VIVA A NOSSA COADJUVÂNCIA

Nesse processo todo, sobra pra gente o resto. Mas alto lá: a coadjuvância é, também, uma arte. Não vou dizer que é fácil. Chitãozinho sabe das dificuldades de se fazer segunda voz. Robin, coitado, precisa se humilhar numa vestimenta pra lá de ridícula.

No nosso caso, a coadjuvância envolve coisa pra caramba: amar profundamente, botar pra arrotar, trocar fralda, ninar, cantarolar, esterilizar, mas, sobretudo, lembrar todo dia que a mãe tá operando um milagre. Se dependesse de mim, tava ninando uma pedrinha de ácido úrico.

(DUVIVIER, Gregorio. **Folha de São Paulo**. 25/2/2018. <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregorioduivier/2018/02/viva-a-nossa-coadjuvancia>. Acessado em 26/02/2018)

### Questão 11)

No primeiro parágrafo, o uso da intertextualidade tem a função de

- exemplificar, através da literatura e de outras formas culturais, figuras coadjuvantes.
- contestar, por meio de diferentes meios de expressão, a supremacia de um herói.
- contrapor, recorrendo a frases antitéticas, a importância do coadjuvante.
- argumentar, com ênfase na erudição, a relevância da figura paterna.

### TEXTO: 12 - Comum à questão: 12

Senhor,

Dois amores tomaram conta de todas as faculdades de minha alma. Um me leva a desejar ser o testemunho feliz dos atos diários de sua Augusta e Divina Presença. Outro me deixa escravo

da Pintura e me mantém atado ao meu cavalete, onde o meu nobre trabalho me deixa digno da sua honrosa proteção. Vossa Majestade, cujos talentos e sabedoria souberam conciliar os interesses de importância muito maior, pode na sua bondade realizar todos os desejos de meu coração ao me permitir dedicar-me ao seu serviço e àquele de sua augusta família, seja na qualidade de professor de desenho dos príncipes ou das princesas, a quem os meus cabelos brancos me permitem chegar perto; seja ao me dar o cargo de conservador dos seus quadros, estátuas etc. etc. etc. Com a idade de 60 anos, pai de uma família numerosa, achei-me, no meu país, vítima de uma revolução cuja agitação crescente eliminou a minha modesta fortuna.

Assustado sobretudo pela última invasão de Paris, todas as minhas esperanças se dirigem ao asilo que Vossa Majestade escolheu para si mesmo na sabedoria de suas concepções. Taunay, Peintre, membre de l'Institut Royal de France.

(Lilia Moritz Schwarcz. *O sol do Brasil*, 2008. Adaptado.)

### Questão 12)

A função da linguagem predominante no texto é a

- emotiva, pois Taunay expõe a Sua Majestade a situação de penúria vivida e as suas aspirações.
- poética, pois Taunay seduz Sua Majestade para continuar usufruindo as benesses palacianas.
- metalinguística, pois Taunay visa persuadir Sua Majestade para que lhe restitua a fortuna perdida.
- apelativa, pois Taunay agradece a Sua Majestade a proteção recebida, mas recusa a proposta de trabalho.
- referencial, pois Taunay desqualifica as várias tarefas a ele designadas por Sua Majestade.

### TEXTO: 13 - Comum à questão: 13

Um dia, recebi um telefonema do meu querido amigo Roberto Carlos. Ele queria saber se poderia usar, na mesma quadra de uma de suas composições, pronomes misturados de 2ª e 3ª pessoas. Mesmo sabedor da liberdade literária, que é dada aos poetas, disse ao nosso maior cantor que era preferível acatar a concordância pronominal, empregando em cada quadra um só tratamento. É isso aí, bicho.

(Arnaldo Niskier. *Na ponta da língua*, 2001.)

### Questão 13)

Considerado o registro de linguagem, a citação da frase de Roberto Carlos — “É isso aí, bicho” — tem a função de

- confirmar a ideia de que é possível misturar pronomes de 2ª e 3ª pessoas, como sugere o cantor.
- romper com a formalidade da explicação, já que se recupera uma gíria que notabilizou o cantor.
- mostrar que o cantor é um sabedor da liberdade literária e, por essa razão, pode recorrer a ela.
- enaltecer o poder de criação do cantor, mas reprovar o uso indistinto de pronomes de 2ª e 3ª pessoas.
- desqualificar a linguagem coloquial como forma legítima de expressão, mesmo a do cantor.

### TEXTO: 14 - Comum à questão: 14

#### Precisa-se

Sendo este um jornal por excelência, e por excelência dos precisa-se e oferece-se, vou pôr um anúncio em negrito: precisa-se de alguém homem ou mulher que ajude uma pessoa a ficar contente porque esta está tão contente que não pode ficar

sozinha com a alegria, e precisa reparti-la. Paga-se extraordinariamente bem: minuto por minuto paga-se com a própria alegria. É urgente pois a alegria dessa pessoa é fugaz como estrelas cadentes, que até parece que só se as viu depois que tombaram; precisa-se urgente antes da noite cair porque a noite é muito perigosa e nenhuma ajuda é possível e fica tarde demais. Essa pessoa que atenda ao anúncio só tem folga depois que passa o horror do domingo que fere. Não faz mal que venha uma pessoa triste porque a alegria que se dá é tão grande que se tem que a repartir antes que se transforme em drama. Implora-se também que venha, implora-se com a humildade da alegria-sem-motivo. Em troca oferece-se também uma casa com todas as luzes acesas como numa festa de bailarinos. Dá-se o direito de dispor da copa e da cozinha, e da sala de estar.

P.S. Não se precisa de prática. E se pede desculpa por estar num anúncio a dilacerar os outros. Mas juro que há em meu rosto sério uma alegria até mesmo divina para dar.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*.  
Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

### Questão 14)

No trecho: “[...] que até parece que só se **as** viu depois que tombaram [...]”, o elemento em negrito tem a função coesiva de retomada do referente. Assim, pode-se dizer que tal elemento desempenha, nesse sentido, o papel de:

- conector.
- elipse.
- hiperônimo.
- catáfora.
- anáfora.

### TEXTO: 15 - Comum à questão: 15

“Machado de Assis (1839-1908) distingue-se em nossas letras, em primeiro lugar, por uma atividade contínua, se não muito intensa – pelo menos tão intensa quanto a dos grandes escritores das literaturas adiantadas – seguramente por uma regularidade cujo ritmo não se reduz ao longo de toda a sua carreira e cuja obra, a desdobrar-se através do romance, da poesia, da crítica, da crônica, acidentalmente a estender-se ao teatro, cresce sempre em qualidade até alcançar o ápice – com as três obras-primas, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *D. Casmurro*, a cujo lado se podem colocar muitos dos seus contos – vindo então a perder algo de sua força original, circunstância perfeitamente explicável em sua evolução.”

PACHECO, J. *A Literatura brasileira: O Realismo (1870-1900)*, Vol. III. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cultrix, 1967, p. 33.

### Questão 15)

Assinale a opção que indica a função da linguagem em que se pode corretamente enquadrar o texto.

- a) função emotiva (objetiva a transmissão das emoções do escritor)
- b) função poética (sua característica é o efeito artístico da mensagem)
- c) função fática (objetiva estabelecer ou interromper uma comunicação)
- d) função referencial (tem como objetivo informar)
- e) função conativa (pretende convencer)

### TEXTO: 16 - Comum à questão: 16



### O Bicho

Vi ontem um bicho

Na imundície do pátio

Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,

Não examinava nem cheirava:

Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,

Não era um gato,

Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

(Manuel Bandeira. Disponível em:

<https://literaturaemcontagotas.wordpress.com/2008/11/25/o-bicho-de-manuel-bandeira/>)

### Questão 16)

O texto “O Bicho” é um poema. Nesse gênero, as palavras são usadas no sentido diferente do que lhes é atribuído no dia-a-dia, pois a função predominante da linguagem é a:

- a) Denotação.
- b) Conotação.
- c) Estilística.
- d) Objetivação.
- e) Referencialidade.

### TEXTO: 17 - Comum à questão: 17

#### Texto I

<sup>01</sup> Não é fácil dissertar sobre a alimentação dos portugueses durante <sup>02</sup> a Idade Média. Escasseiam as fontes informativas: o primeiro livro <sup>03</sup> de receitas

culinárias que se conhece não é anterior ao século XVI. <sup>04</sup> As descrições de banquetes, colhidas nas crônicas ou noutros textos <sup>05</sup> narrativos, são em geral parcas em notícias concretas sobre os <sup>06</sup> alimentos consumidos.

<sup>07</sup> De maneira geral, a alimentação medieval era pobre, se <sup>08</sup> comparada com os padrões modernos. A quantidade supria, quantas <sup>09</sup> vezes, a qualidade. A técnica culinária achava-se ainda numa fase <sup>10</sup> rudimentar, e as conquistas da cozinha romana haviam-se perdido. <sup>11</sup> A condimentação obedecia a princípios extremamente simples.

<sup>12</sup> As duas refeições principais do dia eram o jantar e a ceia. <sup>13</sup> Jantava-se, nos fins do século XIV, por volta das dez horas da manhã; <sup>14</sup> mas nos séculos anteriores, essa hora teria de recuar para oito ou <sup>15</sup> nove. Ceava-se pelas seis ou sete horas da tarde. Como ideal de <sup>16</sup> frugalidade, aconselhava-se a ausência de qualquer outro repasto <sup>17</sup> durante o dia. É de supor, a partir de certa altura, a necessidade de <sup>18</sup> um “almoço” tomado pouco depois do levantar.

<sup>19</sup> O jantar era a refeição mais for te do dia. O número de <sup>20</sup> pratos servidos andava, em média, pelos três, sem contar sopas, <sup>21</sup> acompanhamentos ou sobremesas. Isto, entenda-se, em relação ao <sup>22</sup> rei, à nobreza, e ao alto clero. Entre os menos privilegiados ou os <sup>23</sup> menos ricos, o número de pratos ao jantar podia descer para dois <sup>24</sup> ou até um. À ceia, baixava para dois a média das iguarias tomadas; <sup>25</sup> ou para um, nos outros casos indicados.

Adaptado de A.H. de Oliveira Marques, *A sociedade medieval portuguesa*

## Texto II

<sup>01</sup> Havia três estados ou estamentos na sociedade feudal: o clero, <sup>02</sup> a nobreza e o campesinato. Os dois primeiros eram privilegiados, <sup>03</sup> reservando-se as funções de ministrar os sacramentos religiosos, <sup>04</sup> governar e dar proteção. O terceiro estado, os camponeses, tinha <sup>05</sup> obrigação de trabalhar para o sustento material de toda a sociedade.

<sup>06</sup> Os camponeses produziam centeio, trigo, cevada etc. e cuidavam <sup>07</sup> das oliveiras e das vinhas. A técnica de produção era rudimentar, os <sup>08</sup> instrumentos de produção, inadequados, e a produção, relativamente <sup>09</sup> pequena. O espectro da fome geralmente rondava as choupanas dos <sup>10</sup> trabalhadores.

Adaptado de Heródoto Barbeiro, *História Geral*

## Questão 17)

Sobre os textos é correto afirmar que:

- uma linguagem objetiva (em tom didático e explicativo) contribui para a presença destacada da função referencial.
- a presença em destaque de figuras de linguagem como metáfora e personificação contribui para as imagens simbólicas transmitidas.
- o uso de marcas de subjetividade realça a figura dos autores, que se colocam de modo explícito nas construções textuais.
- a reconstrução histórica elaborada é feita em tom de ironia, o que confere um efeito de sentido de humor aos posicionamentos adotados pelos autores.
- são escritos em linguagem jornalística moderna, com a presença de recursos argumentativos típicos dos usados nas novas tecnologias de comunicação.

## TEXTO: 18 - Comum à questão: 18

<sup>01</sup> E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo <sup>02</sup> Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. <sup>03</sup> Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção <sup>04</sup> nem emenda, surgiu a Ode Triunfal de Álvaro de <sup>05</sup> Campos – a Ode com esse nome e o homem com o <sup>06</sup> nome que tem. [...]

<sup>07</sup> Quando foi da publicação de “Orpheu”, foi preciso, <sup>08</sup> à última hora, arranjar qualquer coisa

para completar <sup>09</sup> o número de páginas. Sugeriu então ao Sá-Carneiro <sup>10</sup> que eu fizesse um poema «antigo» do Álvaro de Campos <sup>11</sup> – um poema de como o Álvaro de Campos <sup>12</sup> seria antes de ter conhecido Caeiro e ter caído sob a <sup>13</sup> sua influência. E assim fiz o Opiário, em que tentei dar <sup>14</sup> todas as tendências latentes do Álvaro de Campos, <sup>15</sup> conforme haviam de ser depois reveladas, mas sem <sup>16</sup> haver ainda qualquer traço de contato com o seu <sup>17</sup> mestre Caeiro. Foi dos poemas que tenho escrito, <sup>18</sup> o que me deu mais que fazer, pelo duplo poder de <sup>19</sup> despersonalização que tive que desenvolver. Mas, <sup>20</sup> enfim, creio que não saiu mau, e que dá o Álvaro em <sup>21</sup> botão [...].

Fragmento adaptado de: Fernando Pessoa,  
*Correspondência (1923-1935)*.

### Questão 18)

As funções da linguagem estão presentes em todo texto que produzimos. No texto, predomina a função

- a) metalinguística.
- b) referencial.
- c) conativa.
- d) fática.

### TEXTO: 19 - Comum à questão: 19

#### Comida

#### Titãs

- 84 Bebida é água
- 85 Comida é pasto
- 86 Você tem sede de quê?
- 87 Você tem fome de quê?

- 88 A gente não quer só comida
- 89 A gente quer comida, diversão e arte
- 90 A gente não quer só comida
- 91 A gente quer saída para qualquer parte
- 92 A gente não quer só comida
- 93 A gente quer bebida, diversão, balé
- 94 A gente não quer só comida
- 95 A gente quer a vida como a vida quer
- 96 Bebida é água
- 97 Comida é pasto
- 98 Você tem sede de quê?
- 99 Você tem fome de quê?
- 100 A gente não quer só comer
- 101 A gente quer comer e quer fazer amor
- 102 A gente não quer só comer
- 103 A gente quer prazer pra aliviar a dor
- 104 A gente não quer só dinheiro
- 105 A gente quer dinheiro e felicidade
- 106 A gente não quer só dinheiro
- 107 A gente quer inteiro e não pela metade
- 108 Diversão e arte
- 109 para qualquer parte
- 110 diversão, balé
- 111 como a vida quer...
- 112 Desejo, necessidade, vontade

113 necessidade, desejo

114 necessidade, vontade

115 necessidade!

ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BRITO, Sergio. Comida. Intérprete: Titãs. In: Titãs. *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*. Rio de Janeiro: WEA. 1 disco sonoro (LP). Lado A, faixa 2. 1987.

### Questão 19)

A respeito do uso das funções da linguagem na canção, assinale a afirmação verdadeira.

- A função referencial predomina do começo ao fim da canção, pois a intenção principal do texto é informar ao leitor sobre um fato, qual seja: o homem tem necessidades estéticas que precisam ser satisfeitas, além de necessidades físicas.
- Em razão de o enunciador procurar comover e emocionar o seu interlocutor, apresentando-lhe as injustiças sociais sofridas por não se ter os anseios atendidos, a função emotiva se destaca fortemente na canção.
- A função poética não tem destaque na canção, porque o enunciador investe pouco na construção estética da mensagem a ser veiculada.
- A função fática está presente no texto em enunciados como “Você tem sede de quê? Você tem fome de quê? (Refs. 86-87; 98-99), em que o enunciador procura simular uma conversa com o leitor.

### TEXTO: 20 - Comum à questão: 20

#### Sons que confortam

Martha Medeiros

<sup>01</sup> Eram quatro da manhã quando seu pai sofreu <sup>02</sup> um colapso cardíaco. Só estavam os três na <sup>03</sup> casa: o pai, a mãe e ele, um garoto de 13 <sup>04</sup> anos. Chamaram o médico da família. E <sup>05</sup> aguardaram. E aguardaram. E aguardaram. <sup>06</sup> Até que o garoto escutou um barulho lá fora. É <sup>07</sup> ele que conta, hoje, adulto: Nunca na vida <sup>08</sup> ouvira um som mais lindo, mais calmante, do <sup>09</sup> que os pneus daquele carro amassando as <sup>10</sup> folhas de outono empilhadas junto ao <sup>11</sup> meiofio.

<sup>12</sup> Inesquecível, para o menino, foi ouvir o som <sup>13</sup> do carro do médico se aproximando, o homem <sup>14</sup> que salvaria seu pai. Na mesma hora em que li <sup>15</sup> esse relato, imaginei um sem-número de sons <sup>16</sup> que nos confortam. A começar pelo choro na <sup>17</sup> sala de parto. Seu filho nasceu. E o mais <sup>18</sup> aliviante para pais que possuem adolescentes <sup>19</sup> baladeiros: o barulho da chave abrindo a <sup>20</sup> fechadura da porta. Seu filho voltou.

<sup>21</sup> E pode parecer mórbido para uns, <sup>22</sup> masoquismo para outros, mas há quem mate <sup>23</sup> a saudade assim: ouvindo pela enésima vez o <sup>24</sup> recado na secretária eletrônica de alguém que <sup>25</sup> já morreu.

<sup>26</sup> Deixando a categoria dos sons magnânimos <sup>27</sup> para a dos sons cotidianos: a voz no altofalante <sup>28</sup> do aeroporto dizendo que a aeronave <sup>29</sup> já se encontra em solo e o embarque será <sup>30</sup> feito dentro de poucos minutos.

<sup>31</sup> O sinal, dentro do teatro, avisando que as <sup>32</sup> luzes serão apagadas e o espetáculo irá <sup>33</sup> começar.

<sup>34</sup> O telefone tocando exatamente no horário que <sup>35</sup> se espera, conforme o combinado. Até a <sup>36</sup> musiquinha que antecede a chamada a cobrar <sup>37</sup> pode ser bem-vinda, se for grande a <sup>38</sup> ansiedade para se falar com alguém distante.

<sup>39</sup> O barulho da chuva forte no meio da <sup>40</sup>  
madrugada, quando você está no quentinho da <sup>41</sup>  
sua cama.

<sup>42</sup> Uma conversa em outro idioma na mesa ao <sup>43</sup>  
lado da sua, provocando a falsa sensação de <sup>44</sup> que  
você está viajando, de férias em algum <sup>45</sup> lugar  
estrangeiro. E estando em algum lugar <sup>46</sup>  
estrangeiro, ouvir o seu idioma natal sendo <sup>47</sup> falado  
por alguém que passou, fazendo você <sup>48</sup> lembrar  
que o mundo não é tão vasto assim.

<sup>49</sup> O toque do interfone quando se aguarda <sup>50</sup>  
ansiosamente a chegada do namorado. Ou <sup>51</sup>  
mesmo a chegada da pizza.

<sup>52</sup> O aviso sonoro de que entrou um torpedo no <sup>53</sup>  
seu celular.

<sup>54</sup> A sirene da fábrica anunciando o fim de mais <sup>55</sup>  
um dia de trabalho.

<sup>56</sup> O sinal da hora do recreio.

<sup>57</sup> A música que você mais gosta tocando no <sup>58</sup> rádio  
do carro. Aumente o volume.

<sup>59</sup> O aplauso depois que você, nervoso, falou em <sup>60</sup>  
público para dezenas de desconhecidos.

<sup>61</sup> O primeiro eu te amo dito por quem você <sup>62</sup>  
também começou a amar.

<sup>63</sup> E o mais raro de todos: o silêncio absoluto.

MEDEIROS, Martha. *Feliz por nada*. São Paulo:  
L&PM Editores, 2011.

## Questão 20)

Em função de uma linguagem mais simples e coloquial, a crônica, muitas vezes, pode “desrespeitar” a norma gramatical própria do uso culto da escrita formal da língua, o que pode ser observado no texto de Martha Medeiros na seguinte passagem:

- “Eram quatro da manhã quando seu pai sofreu um colapso cardíaco” (Refs. 01-02), em que, gramaticalmente, o verbo “ser”, indicando tempo, não varia em número para concordar com “quatro da manhã”.
- “Até a musiquinha que antecede a chamada a cobrar pode ser bem-vinda” (Refs. 35-37), em que o verbo “anteceder” exige um complemento com preposição.
- “A música que você mais gosta tocando no rádio do carro” (Refs. 57-58), em que a regência do verbo “gostar” não é obedecida.
- “O toque do interfone quando se aguarda ansiosamente a chegada do namorado” (Refs. 49-50), em que a expressão “a chegada” deveria vir com o acento indicativo de crase, já que o verbo “aguardar” exige complemento com a preposição “a”, bem como o artigo que acompanha o substantivo é do gênero feminino.

## TEXTO: 21 - Comum à questão: 21

### Sinopse do filme *Capitão América: Guerra Civil*

*Capitão América: Guerra Civil* encontra Steve Rogers (Chris Evans) liderando o recém-formado time de Vingadores em seus esforços continuados para proteger a humanidade. Mas, depois que um novo incidente envolvendo os Vingadores resulta num dano colateral, a pressão política se levanta para instaurar um sistema de contagem liderado por um órgão governamental para supervisionar e dirigir a equipe.

O novo *status quo* divide os Vingadores, resultando em dois campos: um liderado por Steve Rogers e seu desejo de que os Vingadores permaneçam livres para defender a humanidade sem a interferência do governo; o outro seguindo a surpreendente decisão de Tony Stark (Robert Downey Jr.) em apoio à supervisão e contagem do governo.

Capitão América 3 tem direção dos irmãos Joe e Anthony Russo, produção de Kevin Feige e grande elenco formado por Scarlett Johansson (Viúva Negra), Sebastian Stan (Soldado Invernal), Anthony Mackie (Falcão), Emily Van Camp (Agente 13), Don Cheadle (Máquina de Combate), Jeremy Renner (Gavião Arqueiro), Chadwick Boseman (Pantera Negra), Paul Bettany (Visão), Elizabeth Olsen (Feiticeira Escarlata), Paul Rudd (Homem-Formiga), Frank Grillo (Ossos Cruzados), William Hurt (General Thunderbolt) e Daniel Brühl (Barão Zenom).

Disponível em:

<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-118069/>.

Acesso em: 02.11.2018.

### Questão 21)

Tendo como base a sinopse acima, é correto afirmar que este gênero textual apresenta muitas semelhanças temáticas e estruturais com

- a) a resenha crítica, se se considerar que o objetivo principal é retratar a opinião e a visão pessoal do autor do texto sobre o que está sendo relatado na produção cinematográfica.
- b) o gênero resumo, porque se caracteriza como um texto escrito de forma breve e clara, destacando-se o que é essencial e mais importante para o leitor sobre a obra resumida.
- c) a crônica, tendo em vista que a função textual é relatar, de forma concisa, fatos do cotidiano, como o de se saber antecipadamente o final da história da trama, antes de ir ao lançamento de

um filme, de tal maneira que já se dissipe a expectativa da descoberta dos acontecimentos sobre o desfecho da história.

- d) o artigo de opinião, pois é uma espécie de exposição crítica demorada do autor do texto sobre o objeto-filme analisado.

### Questão 22)

#### Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira-livre e morava no morro

da Babilônia num barracão sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem**. Estrela da vida inteira. Rio de Janeiro:

José Olympio, 1966, p. 197.

A função da linguagem predominante no texto **Poema tirado de uma notícia de jornal** é

- a) referencial, porque o texto pertence ao gênero jornalístico.
- b) emotiva, porque o autor expressa forte carga subjetiva em seus versos.
- c) poética, devido à intenção ficcional e à consistência metafórica da linguagem.
- d) apelativa, devido ao esforço de convencer o leitor sobre um problema social brasileiro.

- e) fática, porque o modo como os versos são organizados chama a atenção do leitor para o canal de comunicação.

social de cada uma dessas três publicações é, respectivamente,

- a) persuadir, socializar e informar.
- b) comover, analisar uma situação e entreter.
- c) registrar uma situação, noticiar e persuadir.
- d) entreter, informar e sintetizar uma situação.
- e) divertir, convencer e registrar uma situação.

**Questão 23)**



Disponível em: <http://brasil.elpais.com>. Acesso em: 12 nov. 2018.

Em uma noite tensa, cheia de surpresas e reviravoltas, o bilionário Donald Trump elegeu-se presidente dos Estados Unidos da América (EUA).

Disponível em: [www.bbc.com](http://www.bbc.com). Acesso em: 12 nov. 2018 (adaptado).



Disponível em: <http://noblat.oglobo.globo.com>. Acesso em: 12 nov. 2018.

As três publicações anteriores referem-se a Donald Trump, presidente dos EUA. A principal função

**TEXTO: 22 - Comum à questão: 24**

**À PRIMEIRA VISTA**

Quando não tinha nada, eu quis

Quando tudo era ausência, esperei

Quando tive frio, tremi

Quando tive coragem, liguei...

Quando chegou carta, abri

Quando ouvi Prince, dancei

Quando o olho brilhou, entendi

Quando criei asas, voei...

Quando me chamou, eu vim

Quando dei por mim, tava aqui

Quando lhe achei, me perdi

Quando vi você, me apaixonei...

CÉSAR, Chico. Aos vivos. Manaus: Velas, 1995.

Disponível em: <https://Chico-cesar.lettras.terra.com.br>

[/lettras/43885/](https://lettras/43885/). Acesso em: 18 set. 2018.

**Questão 24)**

Marque a figura de linguagem e a função de linguagem presentes no verso: “Quando criei asas, voei”:

- a) personificação/fática;
- b) metáfora/poética;
- c) comparação/referencial;
- d) paradoxo/apelativa.

E acreditam nas flores

Vencendo o canhão.

[...]

Há soldados armados,

Amados ou não,

Quase todos perdidos

De armas na mão.

Nos quartéis lhes ensinam

Uma antiga lição

De morrer pela pátria

E viver sem razão.

[...]

VANDRÉ, Geraldo. Pra não dizer que não falei das flores.

Disponível em: <[https:// www. lettras.mus.br](https://www.lettras.mus.br)>.

Acesso em: ago. 2018.

**TEXTO: 23 - Comum à questão: 25**

Caminhando e cantando

E seguindo a canção

Somos todos iguais

Braços dados ou não,

Nas escolas, nas ruas,

Campos, construções,

Caminhando e cantando

E seguindo a canção.

Vem, vamos embora,

Que esperar não é saber.

Quem sabe faz a hora

Não espera acontecer.

Pelos campos há fome

Em grandes plantações,

Pelas ruas marchando

Indecisos cordões.

Ainda fazem da flor

Seu mais forte refrão

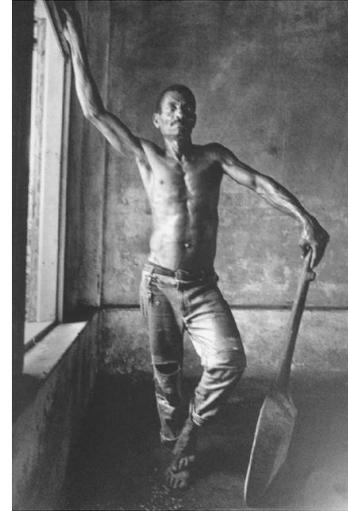
**Questão 25)**

Tendo em vista a intenção do falante da língua ao transmitir uma mensagem, ele recorre às chamadas funções da linguagem.

No poema-canção em destaque, as funções da linguagem mais marcantes são as que se identificam como

- a) apelativa, porque busca o apoio de todos em função do respeito ao cidadão comum, e a estilística, devido à valorização do texto em sua elaboração por meio de um linguajar refinado.
- b) denotativa, já que destaca o referente, tendo como meta principal passar informações objetivas sobre um assunto de interesse geral, e a emotiva, por causa do subjetivismo que perpassa os informes veiculados.

- c) expressiva, pois o emissor revela suas emoções e seus sentimentos na opinião que transmite sobre os fatos, e a conativa, que se caracteriza pelo apelo que faz, procurando convencer o interlocutor a agir sem demora.
- d) fática, por estabelecer a comunicação de maneira que o mais importante seja a continuidade da relação entre o emissor e o receptor, e a referencial, em virtude de a intenção do falante ser informar sobre os acontecimentos objetivamente.
- e) poética, pela preocupação estética que marca a escolha das palavras para construir, com apuro e requinte, o que transmite o compositor em sua produção escrita, e a metalinguística, porque explica o próprio código que utilizou na composição musical.



SALGADO, Sebastião. Trabalhadores da terra. In: *Terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 43.

## TEXTO 1

### TEXTO: 24 - Comum à questão: 26

#### IMAGEM 1



PORTINARI, Cândido. *Lavrador de café*. Óleo sobre tela, 100x81cm. 1934.

Acervo do MASP.

#### IMAGEM 2

#### Maria

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. (...)

O ônibus não estava cheio, havia lugares. (...) Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. (...) Por que não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? (...)

Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E, logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava

com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. (...)

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois.* (...)

— Calma pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos...

*Lincha! Lincha! Lincha!* Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. (...)

Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. (...) Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado.

Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

EVARISTO, Conceição. Maria. In: *Olhos D'Água*. Rio de Janeiro: Pallas e Fundação Biblioteca Nacional. 2016. p. 39-42. [Adaptado].

### Questão 26)

*Maria* é o nome da personagem central e o título do Texto 1. Observa-se que a palavra *Maria* evidencia uma função

- metonímica, pois a personagem sintetiza as experiências de vida de outras mulheres vítimas de violências.
- metafórica, dado que a protagonista simboliza uma heroína que vence as lutas contra as mazelas de seu povo.

- irônica, já que a personagem sofre na pele a violência de seus semelhantes e o descaso governamental.
- hiperbólica, haja vista que a protagonista ganha tons de exagero em sua trajetória com excessivas desgraças.

### TEXTO: 25 - Comum à questão: 27

#### DESISTAM DE SE MUDAR PARA PORTUGAL – Ruth Manus

Ou pelo menos pensem muito bem antes de tomar essa decisão

Antes de tudo: Portugal é fantástico e eu amo esse país no qual vivo há 4 anos. Nunca quis sair do Brasil, mas me apaixonei por um português e a única forma de ficarmos juntos era eu vir para cá. Sou feliz aqui, mas vejo, muito assustada, a quantidade de brasileiros que está criando uma perigosíssima ilusão quanto à vida em Portugal.

Concordo que o cenário no Brasil não está nada bom. Concordo que, quando Bolsonaro é fortemente cotado a presidente da República, não dá vontade de criar filhos nesse lugar. Entendo quem queira ir embora. Talvez, nesse momento de ignorância e truculência, até eu tivesse a vontade que nunca tive de partir daí.

Ocorre que – surpresa - Portugal não é o paraíso. Ouço um monte de gente dizer que vai pedir demissão, vender tudo e tentar vida nova em Lisboa com o discurso de “não preciso de muito, só uma casa, um empreguinho e para o resto vou usar serviço público”. Então, vamos lá, isso é uma ilusão do início ao fim.

Começamos pelo fato de que Portugal está muito, muito na moda. Europeus de todos os cantos, africanos e milhares de asiáticos também descobriram o país. Portugal está absolutamente em alta, o que é bom para o turismo e melhora um pouco a situação econômica. Mas aumenta a concorrência para os trabalhos, aumenta os preços de tudo e, infelizmente, aumenta a resistência dos portugueses com os estrangeiros.

Esse movimento todo gerou no país uma especulação imobiliária sem precedentes. Os imóveis, para comprar ou alugar, estão realmente muito caros. A diferença entre hoje e 2014, quando cheguei, é assombrosa. Mas atenção a um detalhe: os estrangeiros começaram a comprar e alugar casas com dinheiro vindo de fora, ou seja, os salários em Portugal não aumentaram na mesma progressão que o aumento dos preços para viver nas principais cidades. Resultado: quem vive do dinheiro que se paga a título de salário em Portugal não está tendo dinheiro para pagar aluguel nas capitais. A conta não fecha.

Quanto a “encontrar um emprego qualquer” em Portugal... Vamos lá. O turismo realmente abriu muitos postos de trabalho por aqui. Trabalho em restaurantes, hotéis, transportes. Os brasileiros não têm grandes dificuldades para conseguir empregos como garçom, vendedor ou camareira. Mas vejo pessoas achando que vão chegar aqui e facilmente conseguir trabalho como advogado, engenheiro, publicitário, administrador. Surpresa: não vão. E se, a duras penas, conseguirem, os salários serão muitíssimo mais baixos do que se imagina. Mesmo.

Quanto ao sistema público (nem vou entrar na conversa óbvia de ter que explicar que nem todos têm direito a utilizá-lo), posso dizer que 90% dos amigos portugueses que tenho têm plano de saúde privado. E seus filhos estudam em escolas privadas. E não, não é baratinho. E que mesmo nas escolas públicas quase sempre é preciso pagar um valor mensal. Quando olho para um centro de saúde público de Portugal, me pergunto se elite brasileira estaria disposta a viver assim. Tenho certeza absoluta de que não. Quem está habituado à desigualdade social tem sérias dificuldades para abrir mão dos seus privilégios.

A sensação de segurança realmente existe por aqui. Andar de ônibus à noite (lembrando que um bilhete para um trajeto, comprado com o motorista, custa quase 2 euros) sem medo é mesmo um luxo. Mas vale dizer: furtaram o celular de diversos conhecidos aqui. Deixamos nosso carro na rua de casa e no dia seguinte encontramos os vidros quebrados e não sobrou nem a cadeirinha da minha enteada para contar história. O paraíso não existe.

Mais um detalhe relevante: brasileiros são bem-vindos a Portugal até a página dois. Gostam da nossa música, da nossa alegria, da nossa caipirinha. Mas não gostam tanto assim dos nossos diplomas e frequentemente não acham que somos bons o bastante para ocupar certos cargos, frequentar certos lugares ou para namorar certas pessoas. Somos frutos de uma ex-colônia. Somos América Latina. Somos hemisfério sul. E isso fica evidente na forma como somos tratados.

Uma coisa é ouvir um jovem qualquer de 20 e poucos anos dizer que vai tentar a vida fora com uma mochila nas costas. Outra coisa é ouvir que uma família com 3 filhos vai arriscar tudo para morar fora, sem certeza nenhuma, sem nem saber bem o que está fazendo, embarcando numa ilusão extremamente irresponsável. E é isso o que tenho ouvido por aí.

Portugal é um país lindo, onde se come bem e onde é possível ser feliz. O Brasil também. Com vantagens e desvantagens, nenhum dos dois é a Noruega. Portugal mais seguro, Brasil mais alegre. Portugal mais sereno, Brasil com muito mais oportunidades. Mas parece que tem gente achando que Portugal é um país escandinavo perdido na península ibérica. Surpresa: não é. Pensem bem no que estão fazendo.

(Disponível em:

<https://emails.estadao.com.br/blogs/ruth-manus/desistam-de-se-mudar-para-portugal/>)

### Questão 27)

Assinale V (verdadeiro) ou F (falso) para as alternativas de acordo com o texto:

- Tanto no título quanto na conclusão do texto nota-se o uso da função apelativa ou conativa da linguagem, quando a autora se dirige diretamente aos leitores, o que é visível pelo uso de verbos no modo imperativo.
- Há, no texto, um contraponto entre duas imagens de Portugal: aquela que os brasileiros insatisfeitos com o próprio país alimentam e a que a autora apresenta aos leitores.

- c) Ao tentar desestimular os brasileiros de se mudarem para Portugal, a autora portuguesa demonstra sua xenofobia por medo da concorrência nos postos de trabalho naquele país europeu.
- d) “Perigosíssima” (primeiro parágrafo) e “muitíssimo” (quinto parágrafo) estão no superlativo, o que reforça o caráter alarmista e preconceituoso do texto.

### Questão 28)

Sobre o álbum *Elis & Tom*, assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as seguintes afirmações.

- ( ) A função conativa da linguagem, em que o sujeito cancional dirige-se a um tu/você, está presente na maioria das canções do álbum.
- ( ) A maioria das canções do álbum são sonetos de Vinícius de Moraes musicados por Tom Jobim e interpretados por Elis Regina.
- ( ) Canções como *Águas de março* e *Chovendo na roseira* configuram quadros descritivos do mundo natural.
- ( ) Todas as canções do álbum tematizam separações amorosas, o que confere tom sombrio ao disco.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) F – V – F – F.
- b) V – F – V – F.
- c) V – F – F – V.
- d) V – V – F – F.
- e) F – V – V – V.

### <sup>01</sup> O Brasil queimou – e não tinha água para apagar o fogo

<sup>02</sup> Eu vim ao Rio para um evento no Museu do Amanhã. Então descobri <sup>03</sup> que não tinha mais passado

<sup>04</sup> Eu vim ao Rio para um evento no Museu do Amanhã.

<sup>05</sup> Então descobri que não tinha mais passado.

<sup>06</sup> Diante de mim, o Museu Nacional do Rio queimava.

<sup>07</sup> O crânio de Luzia, a “primeira brasileira”, entre 12.500 e 13 mil anos, queimava. Uma <sup>08</sup> das mais completas coleções de pterossauros do mundo queimava. Objetos que <sup>09</sup> sobreviveram à destruição de Pompeia queimavam. A múmia do antigo Egito queimava. <sup>10</sup> Milhares de artefatos dos povos indígenas do Brasil queimavam.

<sup>11</sup> Vinte milhões de memória de alguma coisa tentando ser um país queimavam.

<sup>12</sup> O Brasil perdeu a possibilidade da metáfora. Isso já sabíamos. O excesso de realidade <sup>13</sup> nos joga no não tempo. No sem tempo. No fora do tempo.

<sup>14</sup> O Museu Nacional em chamas. Um bombeiro esguichando água com uma mangueira <sup>15</sup> um pouco maior do que a que eu tenho na minha casa. O Museu Nacional queimando. Sem <sup>16</sup> água em parte dos hidrantes, depois de quatro horas de incêndio ainda chegavam <sup>17</sup> caminhões-pipa com água potável. O Museu Nacional queimando. Uma equipe tentava tirar água do lago da Quinta <sup>18</sup> da Boa Vista. O Museu Nacional queimando. A PM impedia as pessoas de avançar <sup>19</sup> para tentar salvar alguma coisa. O Museu Nacional queimando. Outras pessoas tentavam <sup>20</sup> furtar o celular e a carteira de quem tentava entrar para ajudar ou só estava imóvel diante dos <sup>21</sup> portões tentando compreender como viver sem metáforas.

<sup>22</sup> Brasil é você. Não posso ser aquele que não é.

<sup>23</sup> O Museu Nacional queimando.

TEXTO: 26 - Comum à questão: 29

<sup>24</sup> O que há mais para dizer agora que as palavras já não dizem e a realidade se colocou <sup>25</sup> além da interpretação?

<sup>26</sup> Diante do Museu Nacional em chamas, de costas para o palácio, de frente para onde <sup>27</sup> deveria estar o povo, Dom Pedro II em estátua. Sua família tinha tentado inventar um país e o <sup>28</sup> fundaram sobre corpos humanos. Seu avô, Dom João VI, criou aquele museu no Palácio de <sup>29</sup> São Cristóvão. Dom Pedro II está no centro, circunspecto, um homem feito de pedra, um <sup>30</sup> imperador. Diante da parte esquerda do museu, indígenas de diferentes etnias observam as <sup>31</sup> chamas como se mais uma vez fossem eles que estivessem queimando. Estão. É o maior <sup>32</sup> acervo de línguas indígenas da América Latina, diz Urutau Guajajara. É a nossa memória que <sup>33</sup> estão apagando. É o golpe, é o golpe. Poderiam ter salvo, e não salvaram, ele grita.

<sup>34</sup> Nunca salvaram. Há 500 anos não salvam.

<sup>35</sup> As costas de Pedro ferviam.

<sup>36</sup> Quando soube que o museu queimava, eu dividi um táxi com um jornalista britânico e <sup>37</sup> uma atriz brasileira com uma câmera na mão. “Não é só como se o British Museum estivesse <sup>38</sup> queimando, é como se junto com ele estivesse também o Palácio de Buckingham”, disse <sup>39</sup> Jonathan Watts. “Não há mais possibilidade de fazer documentário”, afirmou Gabriela <sup>40</sup> Carneiro da Cunha. “A realidade é *Science Fiction*.”

<sup>41</sup> Eu, que vivo com as palavras e das palavras, não consigo dizer. Sem passado, indo <sup>42</sup> para o Museu do Amanhã, sou convertida em muda. Esvazio de memória como o Museu <sup>43</sup> Nacional. Chamas dentro de todo ele, uma casca do lado de fora. Sou também eu. Uma casca <sup>44</sup> que anda por um país sem país. Eu, sem Luzia, uma não mulher em lugar nenhum.

<sup>45</sup> A frase ecoa em mim. E ecoa. Fere minhas paredes em carne viva.

<sup>46</sup> “O Brasil é um construtor de ruínas. O Brasil constrói ruínas em dimensões <sup>47</sup> continentais.”

<sup>48</sup> A frase reverbera nos corredores vazios do meu corpo. Se a primeira brasileira <sup>49</sup> incendiou-se, que brasileira posso ser eu?

<sup>50</sup> O que poderia expressar melhor este momento? A história do Brasil queima. A matriz <sup>51</sup> europeia que inventou um palácio e fez dele um museu. Os indígenas que choram do lado de <sup>52</sup> fora porque suas línguas se incineram lá dentro. E eu preciso alcançar o Museu do Amanhã. <sup>53</sup> Mas o Brasil já não é o país do futuro. O Brasil perdeu a possibilidade de imaginar um futuro. <sup>54</sup> O Brasil está em chamas.

<sup>55</sup> O Museu Nacional sem recursos do Governo federal. Os funcionários do Museu <sup>56</sup> Nacional fazendo vaquinha na Internet para reabrir a sala principal. O Museu Nacional <sup>57</sup> morrendo de abandono. O Museu Nacional sem manutenção. O Rio de Janeiro. Flagelado e <sup>58</sup> roubado e arrancado Rio de Janeiro. Entre todos os Brasis, tinha que ser o Rio.

<sup>59</sup> Ouço então um chefe de bombeiros dar uma coletiva diante do Museu Nacional, as <sup>60</sup> labaredas lambem o cenário atrás dele. O bombeiro explica para as câmeras de TV que não <sup>61</sup> tinha água, ele conta dos caminhões-pipa. E ele declara: “Está tudo sob controle”.

<sup>62</sup> Eu quero gargalhar, me botar louca, queimar junto, ser aquela que ensandece para <sup>63</sup> poder gritar para sempre a única frase lúcida que agora conheço: “O Museu Nacional está queimando! O Museu Nacional está <sup>64</sup> queimando!”.

<sup>65</sup> O Brasil está queimando.

<sup>66</sup> E o meteorito estava dentro do museu.

BRUM, Eliane. “O Brasil queimou – e não tinha água para apagar o fogo”. *El País*: coluna. São Paulo, 3 set. 2018.

Disponível em:  
<[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/03/opinion/1535975822\\_774583.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/03/opinion/1535975822_774583.html)>. [Adaptado].

Acesso em: 3 out. 2018.

## Questão 29)

Considere os trechos a seguir, extraídos do texto, e a variedade padrão da língua escrita.

- I. O Brasil perdeu a possibilidade da metáfora. Isso já sabíamos. O excesso de realidade nos joga no não tempo. No sem tempo. No fora do tempo. (Refs. 12-13)
- II. Outras pessoas tentavam furto o celular e a carteira de quem tentava entrar para ajudar ou só estava imóvel diante dos portões tentando compreender como viver sem metáforas. (Refs. 19-21)
- III. Brasil é você. Não posso ser aquele que não é. (Ref. 22)
- IV. Diante do Museu Nacional em chamas, de costas para o palácio, de frente para onde deveria estar o povo, Dom Pedro II em estátua. (Refs. 26-27)

Em relação aos trechos, é correto afirmar que:

01. em III, há uma relação metonímica entre “você” e “Brasil”.
02. em I e II, há o emprego da figura de linguagem *metáfora*.
04. em IV, a passagem “de frente para onde deveria estar o povo” apresenta uma crítica ao povo, que não se fez presente para ajudar a apagar o incêndio.
08. na segunda oração de III, há a retomada por elipse do sujeito posto na oração imediatamente anterior.
16. em I, os termos “não”, “sem” e “fora” apresentam a mesma função gramatical.
32. em I, o pronome “Isso” tem como referente “O excesso de realidade”.
64. em IV, o período apresenta sentido denotativo.

### Questão 30)

Meu caro Sherlock Holmes, algo horrível aconteceu às três da manhã no Jardim Lauriston. Nosso homem que estava na vigia viu uma luz às

duas da manhã saindo de uma casa vazia. Quando se aproximou, encontrou a porta aberta e, na sala da frente, o corpo de um cavaleiro bem vestido. Os cartões que estavam em seu bolso tinham o nome de Enoch J. Drebbler, Cleveland, Ohio, EUA. Não houve assalto e nosso homem não conseguiu encontrar algo que indicasse como ele morreu. Não havia marcas de sangue, nem feridas nele. Não sabemos como ele entrou na casa vazia. Na verdade, todo assunto é um quebra-cabeça sem fim. Se puder vir até a casa seria ótimo, se não, eu lhe conto os detalhes e gostaria muito de saber sua opinião. Atenciosamente, Tobias Gregson.

DOYLE, A. C. **Um estudo em vermelho**. Cotia: Pé de Letra, 2017.

Considerando o objetivo da carta de Tobias Gregson, a sequência de enunciados negativos presente nesse texto tem a função de

- a) restringir a investigação, deixando-a sob a responsabilidade do autor da carta.
- b) refutar possíveis causas da morte do cavaleiro, auxiliando na investigação.
- c) identificar o local da cena do crime, localizando-o no Jardim Lauriston.
- d) introduzir o destinatário da carta, caracterizando sua personalidade.
- e) apresentar o vigia, incluindo-o entre os suspeitos do assassinato.

### Questão 31)

O Instituto de Arte de Chicago disponibilizou para visualização on-line, compartilhamento ou download (sob licença *Creative Commons*), 44 mil imagens de obras de arte em altíssima resolução, além de livros, estudos e pesquisas sobre a história da arte.

Para o historiador da arte, Bendor Grosvenor, o sucesso das coleções on-line de acesso aberto, além de democratizar a arte, vem ajudando a formar um

novo público museológico. Grosvenor acredita que quanto mais pessoas forem expostas à arte on-line, mais visitas pessoais acontecerão aos museus.

A coleção está disponível em seis categorias: paisagens urbanas, impressionismo, essenciais, arte africana, moda e animais. Também é possível pesquisar pelo nome da obra, estilo, autor ou período. Para navegar pela imagem em alta definição, basta clicar sobre ela e utilizar a ferramenta de zoom. Para fazer o download, disponível para obras de domínio público, é preciso utilizar a seta localizada do lado inferior direito da imagem.

Disponível em: [www.revistabula.com](http://www.revistabula.com).

Acesso em: 5 dez. 2018 (adaptado).

A função da linguagem que predomina nesse texto se caracteriza por

- a) evidenciar a subjetividade da reportagem com base na fala do historiador de arte.
- b) convencer o leitor a fazer o acesso on-line, levando-o a conhecer as obras de arte.
- c) informar sobre o acesso às imagens por meio da descrição do modo como acessá-las.
- d) estabelecer interlocução com o leitor, orientando-o a fazer o download das obras de arte.
- e) enaltecer a arte, buscando popularizá-la por meio da possibilidade de visualização on-line.

### Questão 32)

Leia o texto a seguir:

#### O arquivo

Victor Giudice

No fim de um ano de trabalho, João obteve uma redução de quinze por cento em seus vencimentos. João era moço. Aquele era seu primeiro emprego. Não se mostrou orgulhoso, embora tenha sido um dos poucos contemplados. Afinal, esforçara-se. Não tivera uma só falta ou atraso. Limitou-se a sorrir, a agradecer ao chefe.

No dia seguinte, mudou-se para um quarto mais distante do centro da cidade. Com o salário reduzido, podia pagar um aluguel menor.

Passou a tomar duas conduções para chegar ao trabalho. No entanto, estava satisfeito. Acordava mais cedo, e isto parecia aumentar-lhe a disposição.

Dois anos mais tarde, veio outra recompensa.

O chefe chamou-o e lhe comunicou o segundo corte salarial.

Dessa vez, a empresa atravessava um período excelente. A redução foi um pouco maior: dezessete por cento.

Novos sorrisos, novos agradecimentos, nova mudança.

Agora, João acordava às cinco da manhã. Esperava três conduções. Em compensação, comia menos. Ficou mais esbelto. A pele tornou-se menos rosada. O contentamento aumentou.

Prosseguiu a luta.

Porém, nos quatro anos seguintes, nada de extraordinário aconteceu.

João preocupava-se. Perdia o sono, envenenado em intrigas de colegas invejosos. Odiava-os. Torturava-se com a incompreensão do chefe. Mas não desistia. Passou a trabalhar mais duas horas diárias.

Uma tarde, quase ao fim do expediente, foi chamado ao escritório principal.

Respirou descompassado.

— Seu João, Nossa firma tem uma grande dívida com o senhor.

João baixou a cabeça em sinal de modéstia.

— Sabemos de todos os seus esforços. é nosso desejo dar-lhe uma prova substancial de nosso reconhecimento.

O coração parava.

— Além de uma redução de dezesseis por cento em seu ordenado, resolvemos, na reunião de ontem, rebaixá-lo de posto.

A revelação deslumbrou-o. Todos sorriam.

— De hoje em diante, o senhor vai passar a auxiliar de contabilidade, com menos cinco dias de férias. Contentente?

Radiante, João gaguejou alguma coisa ininteligível, cumprimentou a diretoria, voltou ao trabalho.

Nessa noite, não pensou em nada. Dormiu pacífico, no silêncio do subúrbio.

Mais uma vez, mudou-se. Finalmente, deixou de jantar. O almoço era um sanduíche.

Emagreceu, sentia-se mais leve, mais ágil. Não havia necessidade de muita roupa. Eliminou certas despesas inúteis, lavadeira, pensão.

Chegava em casa às onze da noite, levantava-se às três da madrugada. Esfarelava-se num trem e dois ônibus para garantir meia hora de antecedência.

A vida foi passando, com novos prêmios.

Aos sessenta anos, o ordenado equivalia a dois por cento do inicial. O organismo acomodara-se à fome. Uma vez ou outra, saboreava alguma raiz das estradas. Dormia apenas quinze minutos. Não tinha mais problemas de moradia ou vestimenta. Vivia nos campos, entre árvores refrescantes, cobria-se com os farrapos de um lençol adquirido há muito tempo. O corpo era um monte de rugas sorridentes. Todos os dias, um caminhão anônimo transportava-o ao trabalho.

Quando completou quarenta anos de serviço, foi convocado pela chefia:

— Seu João. O senhor acaba de ter seu salário eliminado. Não haverá mais férias. E sua função, a

partir de amanhã, será a de limpador de nossos sanitários.

O crânio comprimiu-se. Do olho amarelado escorreu um líquido tênue. A boca tremeu, mas nada disse. Sentia-se cansado. Enfim, atingira todos os objetivos. Tentou sorrir:

— Agradeço tudo que fizeram em meu benefício. Mas eu vou requerer minha aposentadoria.

O chefe não compreendeu:

— Mas seu João, logo agora que o senhor está desassalariado? Por quê? Dentro de alguns meses já vai ter de pagar a taxa inicial para permanecer em nosso quadro. Desprezar tudo isto? Quarenta anos de convívio? O senhor ainda está forte. Que acha? A emoção impediu qualquer resposta.

João afastou-se. O lábio murcho se estendeu. A pele enrijeceu, tornou-se lisa. A estatura regrediu. A cabeça se fundiu ao corpo. As formas desumanizaram-se, planas, compactas. Nos lados, havia duas arestas. Ficou cinzento.

João transformou-se num arquivo de metal.

(GIUDICE, V. O arquivo. In: MORICONI, I. **Os cem melhores contos brasileiros do século.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, pp. 382-384.)

Assinale a alternativa que corretamente indica o modo como o percurso narrativo do conto desencadeia, por meio da ironia, uma tematização voltada para

- o processo de desumanização e a passividade do sujeito ante a opressão no trabalho.
- a obstinação do sujeito na busca de um sentido existencial para a vida do trabalho.
- a meritocracia como reconhecimento pela eficiência nas relações de trabalho.
- o entendimento das relações trabalhistas como um modo de produção da vida social.

**Questão 33)****Qual a diferença entre publicidade e propaganda?**

Esses dois termos não são sinônimos, embora sejam usados indistintamente no Brasil. Propaganda é a atividade associada à divulgação de ideias (políticas, religiosas, partidárias etc.) para influenciar um comportamento. Alguns exemplos podem ilustrar, como o famoso Tio Sam, criado para incentivar jovens a se alistar no exército dos EUA; ou imagens criadas para “demonizar” os judeus, espalhadas na Alemanha pelo regime nazista; ou um pôster promovendo o poderio militar da China comunista. No Brasil, um exemplo regular de propaganda são as campanhas políticas em período pré-eleitoral.

Já a publicidade, em sua essência, quer dizer tornar algo público. Com a Revolução Industrial, a publicidade ganhou um sentido mais comercial e passou a ser uma ferramenta de comunicação para convencer o público a consumir um produto, serviço ou marca. Anúncios para venda de carros, bebidas ou roupas são exemplos de publicidade.

VASCONCELOS, Y. Disponível em:  
<https://mundoestranho.abril.com.br>.

Acesso em: 22 ago. 2017 (adaptado).

A função sociocomunicativa desse texto é

- ilustrar como uma famosa figura dos EUA foi criada para incentivar jovens a se alistar no exército.
- explicar como é feita a publicidade na forma de anúncios para venda de carros, bebidas ou roupas.
- convencer o público sobre a importância do consumo.
- esclarecer dois conceitos usados no senso comum.

- divulgar atividades associadas à disseminação de ideias.

**TEXTO: 27 - Comum à questão: 34****Pronominais**

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

- 5 Mas o bom negro e o bom branco

Da Nação Brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro

ANDRADE, Oswald de. Pronominais. **Obras completas**, Volumes 6-7.

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

**Questão 34)**

Considerando-se os recursos linguísticos na tessitura do poema, é correto afirmar:

- O título do poema é incompatível com o seu teor temático, as palavras, em sua relação morfosintática, não permitem assim denominá-lo.
- A expressão “Dê-me um cigarro” (v.1) deveria flexionar-se no plural, pois são três os enunciadores desse discurso direto.
- O uso da ênclise e próclise, simultaneamente, em um mesmo texto, compromete a norma-padrão culta, justamente, por se tratar de uma linguagem literária.

04. As formas verbais “diz” (v. 2) e “dizem” (v. 7) pertencem ao verbo “dizer”, irregular, com diferentes transitividades, exercendo, nesse poema, uma predicação transitiva direta.
05. As expressões “Do professor e do aluno/ E do mulato sabido” (v. 3-4) exercem morfossintaticamente função de complemento nominal.

### TEXTO: 28 - Comum à questão: 35

#### Mágoas

Quando nasci, num mês de tantas flores,  
Todas murcharam, tristes, langorosas,  
Tristes fanaram redolentes rosas,  
Morreram todas, todas sem olores.

Mais tarde da existência nos verdores  
Da infância nunca tive as venturosas  
Alegrias que passam bonançosas,  
Oh! Minha infância nunca tive flores!

Volvendo à quadra azul da mocidade,  
Minh'alma levo aflita à Eternidade,  
Quando a morte matar meus dissabores.

Cansado de chorar pelas estradas,  
Exausto de pisar mágoas pisadas,  
Hoje eu carrego a cruz de minhas dores!

ANJOS, Augusto. Mágoas. **Eu e outras poesias.**

Disponível em:

<<https://www.luso-poemas.net/modules/news03/article.php?storyid=1448> © Luso-Poemas>.

Acesso em: 14 nov. 2018.

### Questão 35)

Considerando-se os recursos de estilo do poema “Mágoas” e a escola literária em que o poeta está inserido, é procedente o que se afirma em

01. O epíteto de “Poeta da Morte”, que os críticos literários atribuem ao poeta, dá-se pela presença de um antilirismo exagerado, seguramente comprovada no poema em questão.
02. O uso do soneto como forma de expressão poética permite classificá-lo como um poeta da vanguarda modernista.
03. Augusto dos Anjos, assim como Álvares de Azevedo, em “Adeus, meus sonhos”, cantou suas angústias de adolescente, daí o seu epíteto poeta do byronismo.
04. A subjetividade do poema e o uso da função emotiva da linguagem permitem inserir seu autor na geração romântica, em que também se encontra Castro Alves.
05. As metáforas e suas associações às circunstâncias da vida mostram uma forte influência do Simbolismo, sobretudo em relação ao sofrimento e à transcendência.

### Questão 36)

#### Texto motivador:

A ciência médica, a Medicina de ponta, exige hoje um novo humanismo. É necessário instalar uma postura que saiba colocar no mesmo raciocínio a função hepática e as sequelas neurológicas, com o sentido da vida das transaminases e a albumina combinadas com a humilhação, o sofrimento e a perda. Uma ciência que é arte e, por isso, consegue atuar na mesma equação dimensões tão díspares, que aparentemente não se misturam. Na verdade, estão misturadas completamente na própria vida: a

protrombina e o desânimo, os neurotransmissores e o cansaço de viver, os hepatócitos e a indignação.

Esse novo humanismo médico deve construir-se pela harmonia, para saber tocar, com diferentes cordas, o acorde perfeito. [...]. Harmonia é colocar cada competência em seu lugar, ter alma de artista para saber tocar a harpa dos cuidados médicos, incorporar a polifonia com variedade de instrumentos, com silêncios e compassos de espera, na sinfonia de cada vida humana que nos é confiada. Esses são os acordes que permitem ao médico percorrer o caminho entre a pessoa doente e o significado que a doença tem para o paciente, já que a enfermidade é para o paciente um modo de estar na vida. Uma forma de vida que tem a sua própria linguagem e deve encontrar no médico sensível o receptor necessário para decodificar corretamente os significados. O novo humanismo médico é verdadeira antropologia ativa, e não simples especulação teórica.

Disponível em: <[https://sobramfa.com.br/wp-content/uploads/2014/10/2011\\_mai\\_o\\_humanism\\_o\\_medico\\_sustentavel](https://sobramfa.com.br/wp-content/uploads/2014/10/2011_mai_o_humanism_o_medico_sustentavel)>. Acesso em 15 de jun 2019.

### Proposta de redação

As teses de conclusão dos cursos de medicina eram, até a década 50 do século XX, verdadeiras peças literárias, e não foram raros os médicos que se enveredaram pelo caminho da literatura. Nesse fragmento de texto, a autor propõe um novo humanismo médico que tenta harmonizar ciência e arte. Sobre essa visão, construa um texto argumentativo, na norma-padrão da Língua Portuguesa, analisando e avaliando o último período do texto:

**“O NOVO HUMANISMO MÉDICO É VERDADEIRA ANTROPOLOGIA ATIVA, E NÃO SIMPLES ESPECULAÇÃO TEÓRICA.”**

### COM O OUTRO NO CORPO, O ESPELHO PARTIDO

<sup>1</sup> O que acontece com o sentimento de identidade de uma pessoa que se depara, diante do <sup>2</sup> espelho, com um rosto que não é seu? Como é possível manter a convicção razoavelmente estável <sup>3</sup> que nos acompanha pela vida, a respeito do nosso ser, no caso de sofrermos uma alteração radical <sup>4</sup> em nossa imagem? Perguntas como essas provocaram intenso debate a respeito da ética médica <sup>5</sup> depois do transplante de parte da face em uma mulher que teve o rosto desfigurado por seu <sup>6</sup> cachorro em Amiens, na França.

<sup>7</sup> Nosso sentimento de permanência e unidade se estabelece diante do espelho, a despeito de <sup>8</sup> todas as mudanças que o corpo sofre ao longo da vida. A criança humana, em um determinado <sup>9</sup> estágio de maturação, identifica-se com sua imagem no espelho. Nesse caso, um transplante <sup>10</sup> (ainda que parcial) que altera tanto os traços fenotípicos quanto as marcas da história de vida <sup>11</sup> inscritas na face destruiria para sempre o sentimento de identidade do transplantado? Talvez não. <sup>12</sup> Ocorre que o poder do espelho – esse de vidro e aço pendurado na parede – não é tão absoluto: <sup>13</sup> o espelho que importa, para o humano, é o olhar de um outro humano. A cultura contemporânea <sup>14</sup> do narcisismo\*, ao remeter as pessoas a buscar continuamente o testemunho do espelho, não <sup>15</sup> considera que o espelho do humano é, antes de mais nada, o olhar do semelhante.

<sup>16</sup> É o reconhecimento do outro que nos confirma que existimos e que somos (mais ou menos) os <sup>17</sup> mesmos ao longo da vida, na medida em que as pessoas próximas continuam a nos devolver nossa <sup>18</sup> “identidade”. O rosto é a sede do olhar que reconhece e que também busca reconhecimento. É <sup>19</sup> que o rosto não se reduz à dimensão da imagem: ele é a própria presentificação de um ser humano, <sup>20</sup> em sua singularidade irrecusável. Além disso, dentre todas as partes do corpo, o rosto é a que faz <sup>21</sup> apelo ao outro. A parte que se comunica, expressa amor ou ódio e, sobretudo, demanda amor.

**TEXTO: 29 - Comum à questão: 37**

- d) indicar opinião implícita da autora

<sup>22</sup> A literatura pode nos ajudar a amenizar o drama da paciente francesa. O personagem Robinson <sup>23</sup> Crusoé do livro *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico*, de Michel Tournier, perde a noção de sua <sup>24</sup> identidade e enlouquece, na falta do olhar de um semelhante que lhe confirme que ele é um <sup>25</sup> ser humano. No início do romance, o náufrago solitário tenta fazer da natureza seu espelho. Faz <sup>26</sup> do estranho, familiar, trabalhando para “civilizar” a ilha e representando diante de si mesmo o <sup>27</sup> papel de senhor sem escravos, mestre sem discípulos. Mas depois de algum tempo o isolamento <sup>28</sup> degrada sua humanidade.

<sup>29</sup> A paciente francesa, que agradeceu aos médicos a recomposição de uma face humana, ainda que <sup>30</sup> não seja a “sua”, vai agora depender de um esforço de tolerância e generosidade por parte dos <sup>31</sup> que lhe são próximos. Parentes e amigos terão de superar o desconforto de olhar para ela e não <sup>32</sup> encontrar a mesma de antes. Diante de um rosto outro, deverão ainda assim confirmar que ela <sup>33</sup> continua sendo ela. E amar a mulher estranha a si mesma que renasceu daquela operação.

MARIA RITA KEHL

Adaptado de folha.uol.com.br, 11/12/2005.

### Questão 37)

*Ocorre que o poder do espelho – esse de vidro e aço pendurado na parede (Ref. 12)*

O fragmento introduzido pelo travessão especifica o sentido de **espelho**.

Além da função de especificar o sentido de uma palavra, esse fragmento também cumpre, no parágrafo, o papel de:

- antecipar emprego diferenciado do termo
- limitar usos atuais do discurso da ciência
- contradizer antiga expectativa do leitor

### Questão 38)

Quando nos comunicamos, desejamos materializar nossas intenções. O sujeito falante comunica-se quando quer expor uma intenção qualquer. Portanto, a cada intenção específica do sujeito que se comunica corresponde uma função de linguagem. Considerando essas informações, analise as afirmativas a seguir:

- No conto “A sereníssima república”, de Machado de Assis, além da função referencial, predomina a função conativa ou expressiva da linguagem, pois o Cônego Vargas faz um discurso em que interpela fortemente seus interlocutores.
- Em Breve espaço entre cor e sombra, Cristóvão Tezza introduz a “epístola” para assimilar diferentes aspectos da realidade. A voz epistolar é longa, ocupa 54 páginas do romance de 266. Essa carta é escrita por uma italiana que encontrou o personagem Tato em Nova Iorque. Predomina nessa carta a função conativa ou imperativa da linguagem.
- A função expressiva é predominante no conto “Mater dolorosa” do livro *A emparedada e outros contos*, de Olívia Sarmiento, pois a narradora relata suas memórias, impressões e sentimentos pessoais.

Está(ão) correto(s) o(s) item(ns):

- I.
- II.
- III.
- I, II e III.

TEXTO: 30 - Comum à questão: 39

**Gestos amorosos**

Rubem Alves

<sup>33</sup> Dei-me conta de que estava velho <sup>34</sup> cerca de 25 anos atrás. Já contei o ocorrido <sup>35</sup> várias vezes, mas vou contá-lo novamente. <sup>36</sup> Era uma tarde em São Paulo. Tomei um <sup>37</sup> metrô. Estava cheio. Segurei-me num <sup>38</sup> balaústre sem problemas. Eu não tinha <sup>39</sup> dificuldades de locomoção. Comecei a fazer <sup>40</sup> algo que me dá prazer: ler o rosto das <sup>41</sup> pessoas.

<sup>42</sup> Os rostos são objetos oníricos: fazem <sup>43</sup> sonhar. Muitas crônicas já foram escritas <sup>44</sup> provocadas por um rosto - até mesmo o <sup>45</sup> nosso - refletido no espelho. Estava eu <sup>46</sup> entregue a esse exercício literário quando, ao <sup>47</sup> passar de um livro para outro, isto é, de um <sup>48</sup> rosto para outro, defrontei-me com uma <sup>49</sup> jovem assentada que estava fazendo comigo <sup>50</sup> aquilo que eu estava fazendo com os outros. <sup>51</sup> Ela me olhava com um rosto calmo e não <sup>52</sup> desviou o olhar quando os seus olhos se <sup>53</sup> encontraram com os meus. Prova de que ela <sup>54</sup> me achava bonito. Sorri para ela, ela sorriu <sup>55</sup> para mim... Logo o sonho sugeriu uma <sup>56</sup> crônica: "Professor da Unicamp se encontra, <sup>57</sup> num vagão de metrô, com uma jovem que <sup>58</sup> seria o amor de sua vida..."

<sup>59</sup> Foi então que ela me fez um gesto <sup>60</sup> amoroso: ela se levantou e me ofereceu o <sup>61</sup> seu lugar... Maldita delicadeza! O seu gesto <sup>62</sup> amoroso me humilhou e perfurou o meu <sup>63</sup> coração... E eu não tive alternativas. Como <sup>64</sup> rejeitar gesto tão delicado! Remoendo-me de <sup>65</sup> raiva e sorrindo, assentei-me no lugar que <sup>66</sup> ela deixara para mim. Sim, sim, ela me <sup>67</sup> achara bonito. Tão bonito quanto o seu avô... <sup>68</sup> Aconteceu faz mais ou menos um mês. Era a <sup>69</sup> festa de aniversário de minha nora. Muitos <sup>70</sup> amigos, casais jovens, segundo minha <sup>71</sup> maneira de avaliar a idade. Eu estava <sup>72</sup> assentado numa cadeira num jardim <sup>73</sup> observando de longe. Nesse momento <sup>74</sup> chegou um jovem casal amigo. Quando a <sup>75</sup> mulher jovem e bonita me viu, veio em <sup>76</sup> minha direção para me cumprimentar. Fiz um <sup>77</sup> gesto de levantar-me. Mas ela, delicadíssima, <sup>78</sup> me disse: "Não, fique assentadinho aí..." Se <sup>79</sup> ela me tivesse dito simplesmente "Não é <sup>80</sup> preciso

levantar", eu não teria me <sup>81</sup> perturbado. Mas o fio da navalha estava <sup>82</sup> precisamente na palavra "assentadinho". Se <sup>83</sup> eu fosse moço, ela não teria dito <sup>84</sup> "assentadinho". Foi justamente essa palavra <sup>85</sup> que me obrigou a levantar para provar que <sup>86</sup> eu era ainda capaz de levantar-me e <sup>87</sup> assentar-me. Fiquei com dó dela porque eu, <sup>88</sup> no meio de uma risada, disse-lhe que ela <sup>89</sup> acabava de dar-me uma punhalada...

<sup>90</sup> Contei esse acontecido para uma <sup>91</sup> amiga, mais ou menos da minha idade. E ela <sup>92</sup> me disse: "Estou só esperando que alguém <sup>93</sup> venha até mim e, com a mão em concha, <sup>94</sup> bata na minha bochecha, dizendo: "Mas que <sup>95</sup> bonitinha..." Acho que vou lhe dar um murro <sup>96</sup> no nariz..."

<sup>97</sup> Vem depois as grosserias a que nós, <sup>98</sup> os velhos, somos submetidos nas salas de <sup>99</sup> espera dos aeroportos. Pra começar, não <sup>100</sup> entendo por que "velho" é politicamente <sup>101</sup> incorreto. "Idoso" é palavra de fila de banco <sup>102</sup> e de fila de supermercado; "velho", ao <sup>103</sup> contrário, pertence ao universo da poesia. Já <sup>104</sup> imaginaram se o Hemingway tivesse dado ao <sup>105</sup> seu livro clássico o nome de "O idoso e o <sup>106</sup> mar"? Já imaginaram um casal de cabelos <sup>107</sup> brancos, o marido chamando a mulher de <sup>108</sup> "minha idosa querida"?

<sup>109</sup> Os alto-falantes nos aeroportos <sup>110</sup> convocam as crianças, as gestantes, as <sup>111</sup> pessoas com dificuldades de locomoção e a <sup>112</sup> "melhor idade"... Alguém acredita nisso? Os <sup>113</sup> velhos não acreditam. Então essa expressão <sup>114</sup> "melhor idade" só pode ser gozação.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2705200804>.  
h tm. Acesso em: 22/9/17

**Questão 39)**

Os textos costumam manifestar simultaneamente diversas funções da linguagem, com o predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. Encontramos, na crônica de Rubem Alves, a presença marcante da função metalingüística. Atente aos excertos apresentados a seguir e assinale a opção em que essa função **NÃO** se revela.

- 126 Perdoai. Mas eu  
127 preciso ser Outros.  
128 Eu penso  
129 renovar o homem  
130 usando borboletas.
- a) “Foi justamente essa palavra que me obrigou a levantar para provar que eu era ainda capaz de levantar-me e assentar-me.” (Refs. 84-87)
- b) “Ela me olhava com um rosto calmo e não desviou o olhar quando os seus olhos se encontraram com os meus.” (Refs. 51-53)
- c) “Pra começar, não entendo por que “velho” é politicamente incorreto. “Idoso” é palavra de fila de banco e de fila de supermercado; “velho”, ao contrário, pertence ao universo da poesia.” (Refs. 99-103)
- d) “Então essa expressão “melhor idade” só pode ser gozação.” (Refs. 113-114)

BARROS, Manoel. *O retrato do Artista Quando Coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

#### Questão 40)

A utilização de figuras de linguagem ocorre, de maneira muito particular, na escrita literária. Sobre o uso desse recurso no poema de Manoel de Barros, identifica-se

#### TEXTO: 31 - Comum à questão: 40

##### Retrato do artista quando coisa

110 A maior riqueza  
111 do homem  
112 é sua incompletude.  
113 Nesse ponto  
114 sou abastado.  
115 Palavras que me aceitam  
116 como sou  
117 — eu não aceito.  
118 Não aguento ser apenas  
119 um sujeito que abre  
120 portas, que puxa  
121 válvulas, que olha o  
122 relógio, que compra pão  
123 às 6 da tarde, que vai  
124 lá fora, que aponta lápis,  
125 que vê a uva etc. etc.

- a) a metáfora no verso “Mas eu preciso ser Outros” (Refs. 126-127) relativa à analogia que se faz entre o poeta ser ele mesmo e ser outro.
- b) o oxímoro em “A maior riqueza do homem é sua incompletude” (Refs. 110-112), pela contradição de sentidos presente no enunciado.
- c) a hipérbole no trecho “Palavras que me aceitam como sou — eu não aceito” (Refs. 115-117), em razão de aí haver o desejo do enunciador em engrandecer a verdade dos fatos.
- d) a prosopopeia no enunciado “Eu penso renovar o homem usando borboletas” (Refs. 128-130), em que há uma atribuição da função humana a um ser não humano.

#### GABARITO:

1) Gab: C

2) Gab: B

**3) Gab: D**

O texto é um infográfico (a junção dos termos *info*, relativo à informação, e *gráfico*, relativo à representação visual), ou seja, trata-se de uma imagem que, articulada ao texto verbal, traz explicações e informações sobre um tema mais complexo, como a captação de energia solar por meio de painéis solares. O objetivo do texto é esclarecer sobre o tema, facilitando ao leitor a compreensão de um tema que seria mais difícil de entender, se fosse apresentado somente na forma escrita.

**4) Gab: C**

No texto, predomina a função metalinguística, pois o objetivo é refletir criticamente sobre a própria linguagem, ou seja, o autor usa o código (língua portuguesa) para criticar a forma como os falantes incorporam e usam outro código (inglês) em seus textos. Apesar de haver a presença da função referencial, a citação da ocorrência de expressões ou frases em inglês, as traduções (alheias e do próprio autor) dessas estruturas para o português estão a serviço da crítica que o autor faz acerca da falta de fluência no uso desse idioma pelos brasileiros, o que, segundo ele, é também revelador de uma submissão cultural. A reflexão sobre a linguagem é, assim, a principal função do texto.

**5) Gab: B**

**6) Gab: D**

**7) Gab: E**

**8) Gab: C**

**9) Gab: D**

**10) Gab: C**

**11) Gab: A**

**12) Gab: A**

**13) Gab: B**

**14) Gab: E**

**15) Gab: D**

**16) Gab: B**

**17) Gab: A**

**18) Gab: A**

**19) Gab: D**

**20) Gab: C**

**21) Gab: B**

**22) Gab: C**

**23) Gab: D**

**24) Gab: B**

**25) Gab: C**

**39) Gab: B**

**26) Gab: A**

**40) Gab: B**

**27) Gab: VVFF**

**28) Gab: B**

**29) Gab: 65**

**30) Gab: B**

**31) Gab: C**

**32) Gab: A**

**33) Gab: D**

**34) Gab: 04**

**35) Gab: 05**

**36)**

**37) Gab: A**

**38) Gab: D**